



FIM-DE-SEMANA AVEIRO, A NOVA
CIDADE AQUÁTICA

MINHO PRAIAS FLUVIAIS,
HISTÓRIA E BOA MESA

**GANHE VIAGENS
E MÁQUINAS FOTOGRAFICAS
CONCURSO FOTOGRAFIA**

www.rotasedestinos.pt

O PRAZER DE VIAJAR

Rotas & Destinos

A REVISTA DE VIAGENS Nº1 EM AUDIÊNCIA

Agosto Gourmet
em Lisboa

10 restaurantes
muito "quentes"

AÇORES
O nosso guia
para o paraíso

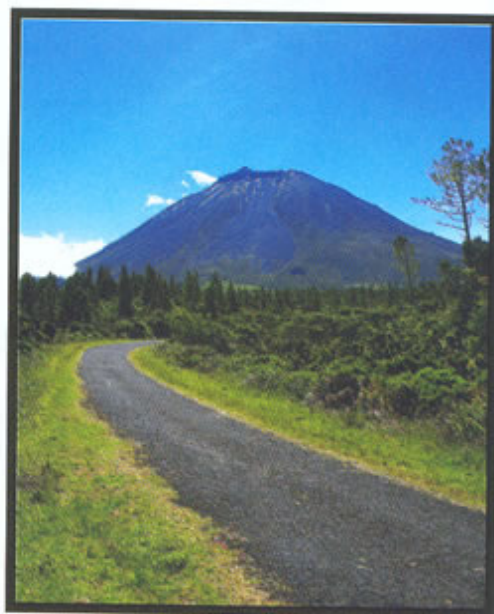
+14 IDEIAS
para umas
Férias Tranquilas
Da Costa Vicentina
à Polinésia Francesa



MIAMI
25 moradas
a não perder

Brasil

ILHABELA o refúgio secreto dos paulistas



Pico

Terra de desafios

“Ou se ama ou se detesta, mas ninguém lhe fica indiferente”. Luísa Terra refere-se à ilha do Pico, provavelmente a mais carismática do arquipélago dos Açores, graças ao enorme vulcão adormecido que se ergue sensivelmente a meio do território, acima das nuvens, como uma miragem em pleno Atlântico. Natural do Faial, mas a residir no Pico, onde abriu uma charmosa unidade de turismo em espaço rural – o Pocinho Bay –, Luísa insere-se nas hostes dos que se deixaram apaixonar. O marido, José Rocha, também. Tanto que ambos abandonaram um belíssimo apartamento no Chiado, em Lisboa, para viverem tranquilamente, a dez minutos da vila de Madalena (entre uma ou outra viagem pelo mundo). E ainda bem, pois o Pocinho Bay é também uma ilha – de bom gosto e elegância –, dentro da rústica e agreste ilha do Pico. Para mais dá para uma baía em miniatura, quase privativa, e possui 14 hectares de arbustos, faias, incensos e laranjeiras, onde algumas camas de rede servem de pretexto a doces horas de *dolce far niente*.

Ao longo da estadia, o Pocinho funcionou como porto de abrigo, bom de saborear sobretudo ao final do dia, numa tentativa tão desesperada quanto inútil de recuperar a sensibilidade dos músculos do corpo. É que, apesar de este pequeno hotel constituir uma ode à preguiça, o Pico é demasiadamente fascinante para não ser palmilhado de lés a lés – para desgraça do corpinho daqueles que, num assomo de coragem irreflectido, decidem (como nós) escalar o vulcão-montanha mais alto de Portugal. Admita-se, no entanto, que, apesar do físico moído, a experiência não só vale a pena como nos parece inesquecível e indispensável. O percurso – de cinco ou seis horas de caminhada – inicia-se junto ao Cabeço das Cabras, a cerca de 1200 metros de altitude. No começo o coração começa a bater descompassado. Depois são os músculos que fraquejam. E quando já se acha que mais um passo e “esticamos o pernil” (literalmente) há uma montanha quase inteira por descobrir. Aí cabe ao guia avaliar as capacidades de cada caminhante. Joaquim, o nosso, vaticinou a subida, pelo que lá fomos

D. Manuela ou “Nelinha”, no restaurante Ancoradoro, em Areia Larga; viagem ao interior da ilha, sempre sob a vigilância do vulcão; e um dos moinhos de vento de Urzelina (em cima). O adeus marítimo ao Pico (na pág. ao lado), já em direcção ao Faial...





Pocinho Bay, um pequeno hotel de apenas seis quartos com vista para uma baía quase privativa. Exemplo de charme e elegância, os proprietários chamam-lhe "Design Home Stay"

contornando as rochas e subindo trilhos íngremes aromatizados a tomilho, duvidando da sua sabedoria. Ao chegar ao Pico Grande, uma grande cratera com cerca de 700 metros de diâmetro, a sensação de vitória é inevitável, mas incompleta. Falta conquistar o Piquinho, um cone vulcânico 50 metros acima, com três ou quatro fumarolas. Ou seja, mais uma hora de escalada pura e dura, que nem o canto dos tentilhões consegue adoçar! Se o céu estiver limpo podem alcançar-se de apenas um relance as ilhas do Faial, São Jorge, Graciosa e Terceira, pelo que só as vistas valeriam todo o esforço. Depois é a sensação de missão cumprida, de limites ultrapassados, além do silêncio intemporal que nos engole e cuja sensação é impossível de traduzir em palavras.

Apesar do Pico Grande – com mais de 2300 metros – parte do território da ilha junto ao mar é plano, geografia ideal para longos passeios de bicicleta. Um dos percursos mais interessantes faz-se no Lajido, um dédalo de caminhos estreitos que atravessam as vinhas classificadas como Património Mundial pela UNESCO.

Desde há séculos que os habitantes do Pico (inicialmente sob direcção dos frades franciscanos) cultivam a vinha em grandes áreas cercadas por paredes grossas e altas de pedra, destinadas a proteger as colheitas do roubo e dos coelhos. Estas propriedades foram, por sua vez, divididas em pequenos "currais", que não só impedem a circulação do vento, como servem de reflectores solares. São muros e muros de rocha amontoada paredes-meias com o mar, que, diz-se, dariam mais de uma volta à Terra se dispostas em filinha indiana! Actualmente protegem centenas de hectares de vinha, cuja produção mal chega para abastecer as ilhas e os "países da saudade" (Canadá e E.U.A.), mas que no século XVIII era exportada para o Brasil, as Índias ocidentais e a Rússia. De qualquer modo, o solo vulcânico da ilha, rico em micro-nutrientes, ainda hoje produz vinho branco afamado, de que o "Terras de Lava", é o melhor exemplo, além do "Lajido", um néctar forte e adocicado, herdeiro do antigo "verdelho" picaroto (a comprar na ilha, pois estes vinhos não estão à venda no continente).

O Pico é tão montanha quanto mar. É terra de agricultura e pasto, mas também de pesca. A da baleia, por exemplo, continua a trazer riqueza à ilha, mas é feita, agora, com binóculos e máquinas fotográficas ao invés de arpões. "Baleia à vista!" é expressão que justifica a entrada de milhares de viajantes, todos os anos, sobretudo no Pico e em São Miguel (por razões de agenda foi na última que acabámos por experimentar o "Whale Watching"). A actividade foi lançada em 1991 pelo francês Serge Viallelle, actualmente à frente do Espaço Talassa, uma



► Nota Histórico-Geográfica

Desenvolvendo-se em torno do vulcão (2351 metros de altitude) que lhe dá o nome, a ilha do Pico possui 42 km de comprimento por 15 de largura, acolhendo cerca de 15.500 habitantes.

O seu povoamento iniciou-se por volta de 1460 com naturais do Norte de Portugal. Inicialmente voltada para a cultura do trigo e da exploração do pastel, a população do Pico dedicou-se também à pesca. Seguiu-se um longo período de esquecimento, interrompido no século XVIII por violentas erupções vulcânicas. Em 1723, Madalena é elevada a vila, confirmando a sua importância económica como porto de ligação com o Faial, por onde se realiza o comércio com o exterior. A partir daí é a produção de vinho que faz a riqueza da ilha, assim como a caça ao cachalote, abolida em meados dos anos 80.



base de observação e estudo de cetáceos, nas Lajes do Pico. Quem o viu chegar, nos anos 80, não poderia imaginar que o jovem hippie de madeixas demasiado longas para a moda local iria contribuir tão largamente para o desenvolvimento do Pico. Ditaram a sua fixação na ilha, a paixão pelo mar e por uma rapariga da terra. Depois conheceu João, um antigo vigia com demasiado medo do mar para ser pescador (mas de olho esperto), e descobriu um terceiro amor, as baleias. Actualmente, só espera que a dinâmica que trouxe aos Açores não se transforme numa ameaça, devido ao número crescente de empresas e expedições ao largo das ilhas. "Os recursos naturais estão a ser demasiadamente explorados", lamenta. "Temos de respeitar os golfinhos e baleias, antes que seja tarde demais".

